

## PAULA SOUZA, O SANITARISTA SOCIAL\*\*

Palestra proferida pelo Prof. Rodolfo dos Santos Mascarenhas\* no Departamento de Higiene e Medicina Tropical da Associação Paulista de Medicina, a 5 de junho de 1951.

Fugindo um pouco ao convencionalismo, não irei aqui fazer um necrológico na acepção usual, mas relatar, em palavras simples de amigo e discípulo, os principais aspectos da vida pública de um grande cidadão.

A Monarquia legou ao regime republicano um serviço de saúde pública arcaico, muito centralizado, exercendo suas atividades em todo o país, através de uma Inspetoria de Higiene, para os serviços terrestres, e da Inspetoria Geral de Saúde dos Portos. Em cada Província existia apenas um Inspetor de Higiene e, em cada cidade ou vila, quando possível, um delegado de higiene quase sempre ausente, por falta de verba e interesse governamental.

A jovem República viu multiplicarem-se imediatamente certos problemas de saúde pública, ligados à incidência de doenças infecto-contagiosas, endemo-epidêmicas: a varíola, desde os tempos da Colônia, fazia dezenas de milhares de vítimas em todo o território nacional, deixando estigmatizados os que tiveram a ventura de resistir ao seu ataque. A febre amarela assenhoreou-se dos principais portos do país, afugentando do Distrito Federal o corpo diplomático e fazendo, de quando em vez, excursões pelo interior, tornando desertas cidades progressivas, como Campinas. A peste bubônica e o cólera, doenças exóticas, aqui chegaram, com tendência a se fixarem.

Uma constituição elaborada sob muito idealismo, mas fugindo, em alguns setores, à realidade nacional, descentralizou abruptamente os serviços de saúde pública, entregando-os aos govêrnos estaduais.

A visão de dois grandes estadistas, um no Govêrno Federal — Rodrigues Alves e outro no estadual — Peixoto Gomide, foi buscar em dois técnicos, nascidos em terras paulistas, os líderes da fase epidemiológica de nossos serviços de saúde pública: um modesto e jovem pesquisador em laboratório, Oswaldo Cruz e um humilde batalhador da saúde pública, Emílio Ribas.

Os serviços federais e estaduais de saúde pública foram reorganizados pelos mesmos, de modo a se aparelharem para a missão a ser cumprida. Eram típicos dessa fase epidemiológica da saúde pública laboratórios para diagnóstico de doenças infecto-contagiosas, para produção de sôros e vacinas e exames de alimentos; uma repartição de estatística e outra de engenharia sanitária e

---

\* Professor Catedrático de Técnica de Saúde Pública da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da USP.

\*\* Transcrito dos **Anais de Enfermagem**, 4 (3): 231-240, jul. 1951.

um ou mais órgãos com pomposo, majestoso aparelhamento para desinfecção e meio físico.

Uma vez adaptadas as respectivas repartições, a ação desses dois grandes líderes foi rápida e decisiva: a varíola foi controlada; a febre amarela epidêmica desapareceu praticamente do país, assim como o cólera que jamais voltou. A peste bubônica não mais surgiu em sua forma epidêmica e, cada vez que ve de outras plagas, encontrou para combatê-la aparelhamentos eficazes, organizados pelos dois cientistas paulistas.

As epidemias mais graves já estavam no passado. A morte fez desaparecer, prematuramente, Oswaldo Cruz. A intriga, a rivalidade de pigmeus intelectuais puzeram de lado Emílio Ribas.

Os serviços de saúde pública, quer federais, quer estaduais, retrogradaram para buscar no passado longínquo o saneamento do meio físico como seu principal escopo.

Nova era surgiu: a da polícia sanitária que impregnou todos os códigos de fiscalização rotineira de casas, a de combate a certas endemias através da vacinação compulsória. Foi a época da polícia, sempre polícia intervindo na ação sanitária, acomodando situações quando o inspetor ou guarda sanitário estava à vista. Essa mentalidade perdurou e, infelizmente, ainda perdura, bem com muito menor intensidade, até o presente momento. A luta contra essa prática rotineira foi a primeira luta de Geraldo Horácio de Paula Souza.

Poucos meses antes do advento da República, nasceu na cidade de Itaquaquecetuba, cidade de onde surgiu o grupo de idealistas que sonhou e conseguiu levar avançado o movimento republicano no país, uma criança. Deram-lhe, na pia batismal, o nome de Geraldo Horácio. Sobre os ombros desse infante pesou a tradição de uma família pioneira e a herança intelectual de um pai — Antonio Francisco de Paula Souza — que se sobressaiu como engenheiro insigne, fundador da Escola Politécnica de São Paulo.

Graduou-se Geraldo Horácio na Escola de Farmácia de São Paulo, em 1908. Tendo frequentado também o Curso de Química da Escola Politécnica, pareceu encaminhar-se para os misteres dessa especialização. Matriculou-se, porém, na Faculdade Nacional de Medicina, colando grau em 1913, depois de frequentar cursos na Alemanha e Suíça.

Tudo indicava que o jovem médico seguindo seus pendores, continuaria a especialização em química. Foi, entre 1914 e 1918, Assistente da cadeira que prelecionava essa matéria na recém-fundada Faculdade de Medicina de São Paulo.

Arnaldo Vieira de Carvalho compreendeu, em sua genialidade criadora, a necessidade de entregar o prelecionamento da cadeira de Higiene da nova instituição universitária, a técnicos conhecedores de uma especialização então inexistente em São Paulo. Trouxe a cooperação da "The Rockefeller

Foundation” e com ela Samuel Taylor Darling, especialista de grande nomeada em seu país, antigo auxiliar de Gorgas nas obras de saneamento do Panamá.

Paula Souza, o jovem Geraldo Horácio, é nomeado, em 1918, Assistente dêsse mestre, entrando para os misteres dessa especialização, descobrindo enfim sua grande vocação. Vai, com seu companheiro e amigo de sempre, Francisco Borges Vieira, para os Estados Unidos, onde ambos, frequentando a primeira turma da Escola de Saúde de Johns Hopkins, receberam o grau de Doutor em Saúde Pública.

Em 1922, os serviços estaduais de saúde pública, em São Paulo, entraram em nova fase de atividade, ligando-se, direta ou indiretamente, a Paula Souza, até o trágico maio de 1951. Tornou-se professor catedrático de Higiene da Faculdade de Medicina de São Paulo e o Serviço Sanitário recebeu o jovem mestre como seu Diretor, entrando em uma nova trilha, a da higiene total, global, da higiene que não vê atividades especializadas, individualistas, mas sim a sociedade em geral.

Como Diretor Geral do Serviço Sanitário teve que enfrentar um problema grave, de solução imediata: surgiu, na Capital do Estado, uma epidemia de febre tifóide. Não quis ficar nas medidas rotineiras: imunização inócua no caso, conselhos educativos, isolamento de doentes e suspeitos. Procurou a origem do surto. Encontrou-a: era a água retirada do rio Tietê como solução de emergência, em local da vazante e onde residia um barqueiro portador da mesma doença. Propôs uma medida radical: cloração da água do abastecimento público! Muitos pseudo-técnicos surgiram, por todos os lados, insurgindo-se contra essa solução técnica. Até o próprio chefe da Repartição de Águas, engenheiro insigne, achou-a absurda. Paula Souza foi tenaz. Apresentou aos governantes dados técnicos convincentes. A cloração da água foi realizada e desde então a febre tifóide não apresentou mais os ápices epidêmicos de outra na Capital do Estado.

Em 1923, apresentou um relatório ao Secretário do Interior, sôbre as atividades do Serviço Sanitário no ano anterior e as medidas necessárias para ampliá-las e melhorá-las. É êsse relatório, infelizmente nunca publicado, um verdadeiro tratado de Higiene e Saúde Pública. Estudou, durante mais dois anos, a organização arcáica do órgão que dirigia e, em 1925, propôs, a sua primeira grande obra, a reorganização total dessa repartição estadual, fazendo com que a mesma deixasse de lado a imensa ênfase dada ao saneamento do meio físico e entrasse em nova fase. As medidas propugnadas então por Paula Souza não podem ser descritas em poucas linhas, sendo por si sós assunto para uma monografia. Suas idéias podem ser resumidas, precariamente, nos seguintes tópicos:

A desinfecção terminal, símbolo de antiquada tendência, deveria desaparecer com todo o seu obsoleto material, por desnecessária, por não ter apoio em nenhuma medida científica.

Tôda a ação sanitária local deveria ser feita através de um único órgão local de saúde pública: o centro de saúde, criado pela primeira vez na América Latina.

O centro de saúde não poderia ser um órgão estático, à espera de doente ou suspeitos interessados em procurá-lo. Mister se fazia sua ação fôsse dinâmica, indo à procura de todos os membros da coletividade, fôssem sãos, supeitos ou doentes.

A polícia sanitária, tão a gôsto dos antigos dirigentes da saúde pública deveria ser colocada em situação secundária, sendo empregada como medida excepcional. A população deveria assimilar os preceitos necessários de higiene individual através da educação sanitária. As atividades de saúde pública se podem ser exercidas, com a devida eficiência, por meio de técnicos devidamente formados. O Instituto de Higiene foi reconhecido pelo Govêrno do Estado. Não contando com enfermeiras para exercerem as funções de visitadoras do Centro de Saúde, atraiu, ao Instituto, professôras primárias, deu-lhes um curso intensivo de um a dois anos. Nasceu assim a profissão de educador sanitário criação exclusiva de Paula Souza.

Os estudantes da Faculdade de Medicina recebem, no Instituto, durante um ano, noções de Saúde Pública. Cada aluno faz um relatório detalhado sobre os assuntos de saúde pública de um município. Surgiu assim a Carta Sanitária do Estado.

Novos cursos foram sendo criados por Paula Souza no Instituto, posteriormente Faculdade de Higiene: Normal de Saúde Pública para médicos, de Nutricionistas (1939), Normal de Higiene e Saúde Pública para engenheiros (1948), Administração Hospitalar (1951). A morte o surpreendeu quando pretendia criar, em futuro próximo, um curso de especialização em Higiene e Saúde Pública para enfermeiros e um curso para inspetores sanitários.

A Saúde Pública deve ser exercida por técnicos trabalhando em regime de tempo integral. Dificuldades financeiras fizeram com que estendesse esse regime de dedicação plena ao trabalho público, a um diminuto número de médicos do Serviço Sanitário, mas, no Instituto de Higiene, os seus assistentes, em sua grande maioria, se enquadravam nesse sistema de trabalho.

Em sua reforma do Serviço Sanitário, organizou serviços especializados de alimentação pública, fiscalização das profissões médicas e afins, da higiene do trabalho e da profilaxia da lepra.

A resistência a essa quase revolução na mentalidade dos sanitaristas e então, foi imensa. A luta travada na Assembléia Legislativa refletiu essa mentalidade apegada à rotina do passado. Os Anais da Assembléia Legislativa de 1925 estão repletos de exemplos, como o seguinte trecho um tanto confuso de um discurso de deputado, aliás, médico:

“Querem-se agora dar educação sanitária por meio de conferências, feitas por médicos, acadêmicos e uma nova entidade que são os educadores, educadores especializados ou simples educadores. Estes serão professores que, depois de um curso de um ano praticado no Instituto de Higiene irão fazer — não fazer bem o que, porque não sendo médico, não tendo educação especializada, pouco ou muito pouco poderão fazer”.

A reforma sofreu cortes. Os quatro centros de saúde idealizados por Paula Souza foram reduzidos a um. Não desanimou o mestre. Com lei ou sem lei, organizou as unidades sanitárias planejadas.

Paula Souza deixou, em 1927, o Serviço Sanitário. Três anos depois, com tristeza, viu os seus adversários conseguirem extinguir os poucos centros de saúde que pudera criar. Não esmoreceu. Reorganizou, com verba do Instituto de Higiene, o Centro de Saúde mantido até então junto a esse Instituto pelo Serviço Sanitário. Insistiu em suas idéias e cada aluno que sai desse órgão universitário, ao completar os seus estudos, leva consigo os sadios ensinamentos do insigne mestre, contagiado pelo seu entusiasmo em prol do “centro de saúde — eixo da organização sanitária”.

A sua tristeza em fevereiro de 1931 foi, felizmente, passageira. Humberto Pascale, em coperação com Alvaro Camera e Adamastor Cortez então, respectivamente, delegados de saúde de São Carlos e Guaratinguetá e com o auxílio precioso do então alto funcionário do extinto Departamento das Municipalidades, Sr. Oswaldo Fonseca, semeou pelo Estado, postos de higiene municipais, núcleos futuros dos centros de saúde criados legalmente, em 1938, na reforma de Godinho.

O Instituto de Higiene foi transformado, em 1945, em Faculdade de Higiene e Saúde Pública, aparelhando-se melhor para a formação de técnicos em Saúde Pública. Paula Souza foi sempre o seu Diretor, nunca deixando de ser reconduzido unânimeamente a esse posto pelos colegas de Congregação e confiança dos governadores.

Compreendeu, ao sair da Diretoria Geral do Serviço Sanitário, que a Saúde Pública não devia ficar apenas no âmbito de um país. Convidado, foi para Genebra em 1927, assumindo o cargo de técnico da Secção de Higiene da Liga das Nações. A serviço desse órgão, percorreu diversos países da Europa e do Norte da África. Iniciou a sua carreira de sanitarista internacional. Retornou ao país em 1929.

Dez anos depois, em 1939, foi designado pelo Presidente do Estado, a convite do governo do Japão, para em missão de intercâmbio cultural, visitar o longínquo oriente. Percorreu, em sua tarefa, o Japão, a Coréia, a Mandchuria e a China.

Fêz parte da delegação do Brasil à XI Conferência Sanitária Pan-Americana realizada no Rio de Janeiro em 1942. Foi, em 1943, aos Estados Unidos, a convite da Associação Americana de Saúde Pública e da Repartição Sanitária

Pan-Americana, participar dos trabalhos da 72ª Reunião Anual de Saúde Pública e do 1.º Congresso Inter-Americano de Diretores de Escolas de Higiene. Teve a honra de ser eleito vice-presidente da Associação Americana de Saúde Pública. Convidado no ano seguinte, aceitou a chefia da Divisão de Contrôlo Epidemiológico da UNRRA, ficando também encarregado da administração das convenções sanitárias internacionais.

Gostava de afirmar posteriormente a seus discípulos que esta foi uma das missões que mais lhe agradaram, visto esse organismo internacional aplicar nos países devastados pela guerra, a saúde pública total, social, enviando para os mesmos, alimentos, roupas, maquinários agrícola e industrial, reprodutores equinos e bovinos e finalmente sanitaristas e material sanitário.

Foi designado, em 1945, pelo Governo Federal, para fazer parte da Delegação Brasileira à Conferência de São Francisco. Propôs e conseguiu nesse congresso internacional, onde predominavam políticos, militares e economistas, que na Carta de São Francisco se inscrevesse o termo "Saúde Pública" inexistente no projeto de DUMBARTON OAKS. Com a colaboração da China, então uma das quatro grandes potências, sugeriu a criação da Organização Mundial de Saúde. Essa proposta deu em resultado a nomeação, pelas Nações Unidas, de uma comissão que, em Paris, elaborou um projeto que foi discutido pela Conferência Internacional de Saúde reunida em Nova York em 1946. Foi o Prof. Paula Souza o delegado brasileiro nessa conferência e vice-presidente da mesma. Aprovados os estatutos da nova Organização Mundial de Saúde, foi nomeado membro da organização interina dessa entidade e um dos seus vice-presidentes. Nos preâmbulos da Carta desse novo organismo internacional de saúde pública há os seguintes tópicos que o inesquecível mestre se comprazia em repetir em suas aulas, como que exteriorizando a sua mentalidade de sanitarista social:

"Saúde é o completo bem-estar físico, mental e social e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade". "A obtenção do mais alto padrão de saúde é um dos direitos fundamentais de cada ser humano, sem distinção de raça, religião, crença política, condições econômicas ou sociais".

A despeito do árduo trabalho de professor catedrático e Diretor de uma Faculdade, a despeito das inúmeras e complexas atividades exercidas como representante do Brasil na Organização Mundial de Saúde, obrigando-o a viajar quatro vezes por ano à Europa, Paula Souza assumiu, em 1946, sem qualquer remuneração, uma nova responsabilidade. Desejava demonstrar, fora das atividades governamentais, a possibilidade de dar ao operário o direito à saúde. Foi designado orientador técnico, em matéria de assistência médico-social, do Serviço Social da Indústria, em São Paulo, desenvolvendo um vasto programa de auxílio aos trabalhadores.

Sua obra foi vultosa neste novo campo de assistência médico social. A sua ação foi aqui tão revolucionária como aquela imprimida, entre 1922 e 1927, no antigo Serviço Sanitário. Pode ser sintetizada nos seguintes tópicos:

Assistência médica hospitalar a todos os operários, a mais eficiente e menos dispendiosa possível. Não construiu palácios, o usual em nosso país, para nêles instalar essas atividades. Demonstrou que simples barracões, antigos armazéns podem ser utilizados. O mais importante é a racionalização do trabalho técnico através de material o mais adequado possível para a devida seleção de pessoal. Os ambulatórios e hospitais do SESI são os testemunhos da visão genial de Paula Souza que, mais uma vez, rompeu com o ramerrão do tradicionalismo brasileiro.

Melhoria da alimentação do operário, por meio de fornecimento, no local de trabalho, ou nas cozinhas anexas aos hospitais, de alimentação adequada e barata, por preços às vezes abaixo do custo. Graças ao trabalho dedicado de nutricionistas pôde cumprir êste seu desejo. Era com prazer quase juvenil que o mestre convidava sociólogos, economistas, políticos, industriais, técnicos de saúde pública, para almoçarem nos restaurantes do SESI e provarem, sem uma modificação sequer, a alimentação fornecida ao trabalhador.

Neste ano pôde realizar um sonho acalentado durante a sua mocidade: organização, através do SESI, de feijoarias que fornecem às famílias de operários, pelo custo, feijão cozido, enriquecido com farinha de soja e arroz com vitamina B1.

Com êste método direto de fornecimento de alimentos, alguns dos quais racionalmente enriquecidos, conseguiu grande melhoria nos hábitos alimentares do operário.

Educação sanitária, intensiva, em nutrição, através de cursos de economia doméstica para jovens operárias. Organizou cursos de culinária e de outras atividades domésticas, onde, seguindo suas diretrizes, jamais fugiu da realidade sócio-econômica paulista.

As aulas são ministradas de acôrdo com os princípios hodiernos de nutrição e com as possibilidades econômicas das alunas.

Cêrca de 12.000 operárias são graduadas anualmente, em todo o Estado, nesses cursos que, a meu ver, representam a maior obra educativa que o mestre pôde oferecer à classe operária, representando uma verdadeira revolução nos usos e costumes alimentares da população obreira.

Exame médico roentgenfotográfico dos operários através de dois equipos móveis suplementando as atividades estatais nesse setor.

Exame de sangue, em massa, para o diagnóstico de sífilis. Os operários com reação positiva são tratados no próprio local de trabalho.

Assistência dentária a preço de custo do material, a todo trabalhador.

Paula Souza demonstrou nesse setor de suas atividades de higienista e sociólogo que, cada vez mais, se esvanecem as pequenas nuances entre a medicina

preventiva e a curativa, deixando lugar apenas para a medicina de saúde, uma indivisível.

Diz o poeta que viver é lutar.

Paula Souza viveu e lutou, colocando acima de tôdas as suas conveniências pessoais os seus ideais de sanitarista introdutor e incentivador da higiene social no país. Viveu lutando. Foi ferido pela doença fatal em sua mesa de trabalho, em um domingo, quando preparava os relatórios que deveria levar Europa.

Viveu lutando, tendo a certeza que seus discípulos continuariam a levar avante a sua obra, vivendo e lutando.

O seu fecundo trabalho representa como que a fôrça determinadora de uma avalanche. Esta continuará a se desenvolver, a crescer, a avançar ininterruptamente até alcançar o seu destino final: a obtenção, para cada indivíduo do seu direito indiscutível à saúde física, mental e SOCIAL.